



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

A visita da embaixadora

Acompanhada pelo cônsul-geral da Alemanha em Porto Alegre, Marc Oliver Bogdahn, a embaixadora da Alemanha, Bettina Cadenbach (centro), visitou o Senai-RS em Gravataí. A promoção de intercâmbios para estudantes e professores do ensino técnico e a ampliação de parcerias entre o Rio Grande do Sul e a Alemanha pautaram a visita da diplomata. Evidenciou a convergência de práticas entre o ensino técnico brasileiro e o europeu.

LUCAS MACHADO/DIVULGAÇÃO/JC



ARI e o meio ambiente

A Associação Riograndense de Imprensa (ARI), ainda dentro das comemorações pelos seus 90 anos de atividades, realiza hoje e sábado a 14ª edição do Fórum Internacional do Meio Ambiente (FIMA). Já é um evento consolidado.

Estamos aí, mas...

Ao dizer que o Brasil vive “uma democracia consolidada, mas doente”, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, conseguiu resumir a ópera em poucas palavras. De fato, no papel tudo parece funcionar, mas não funciona de fato. Talvez seja a falha da democracia participativa tal como é praticada hoje, na base do toma lá dá cá. O Congresso chantageia o Executivo, que por sua vez aceita o jogo.

Pelo sim pelo não

Daniel Vercaro disse que não vai poupar ninguém caso saia sua delação premiada. Pode ser, mas na história brasileira desse tipo de promessa, costuma acontecer o contrário. A Polícia Federal já sabe ou deve saber tudo graças às perícias nos diversos celulares do ex-banqueiro.

De perder o sono

Pelo lado que se olhe, os brasileiros podem ter certeza que os efeitos do petróleo caro vão perdurar por meses, em uma avaliação otimista. Na mesma proporção, o cidadão comum não entende como pode um país destruído como o Irã ainda disparar mísseis e drones contra vizinhos amigos dos Estados Unidos. Ocorre que o Irã também tem amigos como o Iraque encharcado de petróleo e de armas. Arrastar todos para uma guerra total já não é mais uma hipótese, o futuro se aproxima célere.

Duas crianças

Quem trabalha ou mora ou até faz um lanche e toma café nas imediações do Hospital Materno Infantil, na avenida Independência, se espanta ao ver tantas adolescentes grávidas, parte delas visivelmente pobres. Não à toa o Brasil tem uma das maiores taxas de gravidez na adolescência do mundo, com cerca de 400 mil a mais de 1 milhão de adolescentes (15-19 anos) tornando-se mães a cada 3 anos. Quem as observa inevitavelmente se pergunta como será o futuro dessas crianças.

Recorde trabalhista

Eterna queixa do empresário, as ações trabalhistas às vezes sem sentido, mas que no final o reclamante sempre leva alguma coisa, têm um dado robusto. A Justiça do Trabalho registrou o pagamento recorde de R\$ 50,6 bilhões aos reclamantes em 2025, o maior volume desde a reforma trabalhista de 2017.

Comece o ano de carro novo com o Sicredi.

Financie até 90% do veículo

Abra sua conta

Fale com seu gerente e faça uma simulação.

Sicredi | Sicredi Origens RS

Condições sujeitas à análise de crédito.

HISTORINHA DE SEXTA

Os lotações e o bife com massa

Engana-se quem acha que as ou os lotações de Porto Alegre surgiram nos anos 1970. Elas já eram presentes no finzinho dos anos 1950, até meados dos anos 1960. O início das linhas ficava na rua José Montauray, nas imediações do abrigo dos bondes.

O hoje Largo Glênio Peres era tomado por bondes e ônibus, uma confusão que deixava visitantes apalermados com a aparente confusão. Os carros usados na época eram as barcas norte-americanas importadas nos anos 1950, e que já haviam rodado centenas de milhares de quilômetros. Oldsmobiles, Chevrolets, Packard eram algumas. Como havia bastante espaço, cabiam pelo menos meia dúzia de passageiros. Apertados como sardinhas em lata, mas cabiam.

O preço era meio que no olho, dependendo da distância e do bairro. A maioria dos passageiros eram fregueses habituais, então, às vezes pagavam no fim do mês. Não era um bom serviço, considerando que o bonde era barato e a frequência dos ônibus era bem maior. No geral, todos viajavam apertados nos horários de pico, e nos “elétricos”, como eram chamados os bondes, havia quatro entradas sem porta. Como sempre cabia mais um, os que viajavam pendurados nas portas eram chamados de pingentes. De vez em quando um acertava um poste ou caía. Ser cobrador de bonde era um martírio. Mas se viravam no meio das sardinhas. Como não sei, mas davam cabo da tarefa.

Um deles, de sobrenome Madruga e que era engraxate, sofreu amputação dos dedos de um pé quando as rodas de ferro passaram por cima. Foi o primeiro caso de indenização por acidente de trânsito – a Companhia Carris teve que pagar um salário-mínimo pelo resto da vida. Seu Madruga foi o engraxate mais antigo da Praça da Alfândega, tendo falecido há cerca de 10 anos. Com o fim dos bondes e com carência de ônibus, surgiram os lotações como conhecemos. No início eram Kombis sem adaptação, um sacrifício para entrar e sair com apenas três portas. Depois a VW produziu Kombi com seis portas, o que já foi um avanço.

Como a rentabilidade era boa, não demorou e os motores Agrale de um cilindro importados na antiga Alemanha Oriental – um tratorzinho, na verdade – receberam uma “fatiota”, carroceria para nove passageiros. Não demorou e o chassi e motor passaram a ser F-100 da Ford. Deles para motores diesel mais potentes foi um upa, até chegar na configuração atual para quase 20 passageiros. São só um pouco menores que os coletivos dos anos 1950, quase ônibus. São úteis, mas a rentabilidade parece não ser lá essas coisas.

Para quem viveu estas décadas todas ficou a saudade dos bondes, barulhentos, sujeitos a paradas constantes por falta de energia, mas remetiam a um tempo em que, na expressão antiga, se amarrava cachorro com linguiça. A cidade não era hostil como hoje. Trabalhava-se de manhã e de tarde e almoçava-se em casa. Restaurantes no Centro não eram muitos. Os bufês apareceram mais tarde, mas em alguns a comida era em quilo. Particularmente, eu gostava do Matheus, na frente da Praça da Alfândega, e da Praiana, quase esquina com o Largo dos Medeiros, que hoje ninguém mais sabe onde fica e quem eles eram.

Se me oferecessem um bife macio à milanesa, espaguete ou talharim, um bolinho de batata ou croquete na banha de porco, salada e um refrigerante Minuano Limão como no Matheus ou na Praiana, certamente eu pagaria um bom dinheiro. E o primeiro bonde da manhã me acordava, quando morei na rua Duque de Caxias, 533. No paladar e no barulho das rodas de ferro, nos trilhos eu voltaria aos anos 1960.